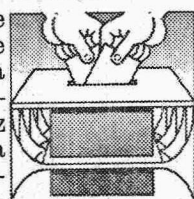


Lula já admite formar governo de coalizão

837 PT se reúne para discutir e apressar o entrosamento das forças de esquerda à campanha

TEREZINHA LOPES

A discussão de uma política de alianças para reforçar a campanha de Luiz Inácio Lula da Silva no segundo turno passa-



rá necessariamente pela formação de um governo de coalizão que o candidato do PT prefere chamar de "governo de co-responsabilidade" e outros dirigentes petistas de "governo de coalizão de esquerda". É esse o principal tom da reunião do diretório nacional do partido que termina hoje, em São Paulo, com pelo menos três pontos definidos: com quem fazer alianças, o prazo limite para as negociações e a natureza dos apoios.

"Recuperar o Brasil é uma tarefa árdua para muitos homens e não para um só", afirmou Lula traduzindo o motivo maior da necessidade de um entrosamento rápido das forças de esquerda. Em diversas oportunidades nos intervalos da reunião do diretório que começou ontem, no Hotel Danúbio, o candidato repetiu que não lhe interessava chamar ninguém apenas para ajudá-lo a ganhar a eleição. "Precisamos ter esses companheiros no mesmo barco para que, num curtíssimo espaço de tempo, possamos dar um novo rumo a esse País."

Não basta só a vontade do candidato de transferir às forças políticas que poderão apoiá-lo responsabilidades num eventual governo do PT. Há entre os representantes do partido uma clara divisão de opiniões a esse respeito e que pode engavetar o projeto: alguns acham que o importante é só ajudar a eleger Lula, outros admitem a colaboração e a participação no governo.

DESAFIO

Esse impasse é mais um desafio para o PT que pode retomar sua campanha na próxima segunda-feira, em Brasília, sem ter nos palanques muitos nomes de peso político para garantir a vitória de Lula. "Haja ou não acordo, minha campanha vai para as ruas na segunda-feira", resumiu o candidato, deixando passar a ansiedade que tomou conta das sucessivas reuniões promovidas pelo partido desde o final da apuração dos votos depositados nas urnas em 15 de novembro.

"Vou para a rua porque é na rua que a gente costuma ganhar uma eleição", imagina Lula, que parece já estar conformado com o impasse nas negociações com os outros partidos políticos. "Se houver acordo, tudo bem, se não, temos que aprender a fazer política dentro das diversidades."

A formação de um governo de coalizão agrada principalmente aos prefeitos petistas que poderão ter um campo de atuação maior nas administrações municipais. "Nossos inte-

resses podem ser contemplados também nas câmaras municipais", alegra-se a prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, uma das defensoras da proposta.

Na agenda do candidato do PT estão apenas dois compromissos: no sábado, Lula se encontra no Rio com o ex-governador Leonel Brizola (PDT), e na segunda-feira, com o deputado Roberto Freire (PCB), em Brasília. A intenção é de que até o início da próxima semana Lula converse também com o senador Mário Covas (PSDB). Desde já, o PT deixa claro que não aceitará a imposição de um programa de governo. "O programa vitorioso foi o do PT, mas há flexibilidade para que ele seja discutido", adiantou o candidato.

DEFINIÇÃO

O ponto mais delicado para fechar o leque de alianças é definir a natureza dos apoios, que passam por três categorias: os políticos com os quais o PT fará alianças, os que podem dar votos para o partido, mas por terem pouca identidade com os petistas devem ficar afastados dos palanques, e aqueles com os quais o PT não fará nenhum tipo de acordo. Nessa linha de raciocínio, o partido se vê diante de um constrangimento: reconhece os méritos do deputado Ulysses Guimarães, mas não gostaria de vê-lo ao lado do candidato durante a campanha.

Por trás das portas do primeiro dia da reunião do diretório nacional, muitos apostavam na determinação de Ulysses em permanecer neutro nessa segunda fase da campanha. "Não será preciso dizer isso para o Ulysses", concordou o deputado federal Paulo Delgado (MG). "Ele recebeu esse recado nas urnas". Apesar de lembrar "o profundo respeito" que tem por Ulysses, o próprio Lula disse que o deputado peemedebista "deve ter o cuidado de não subir em cima de nenhum palanque porque o PMDB está esfacelado".

"Temos que ampliar o palanque, mas não podemos derubá-lo", observou Delgado sem definir o tamanho da frente que apoiará Lula. Nesse processo de eliminação velada de políticos que podem ou não aparecer ao lado de Lula, e que dominou boa parte do encontro dos petistas, ontem, as preferências regionais falaram mais alto. O presidente do partido no Rio, Jorge Bittar, comemorava os apoios declarados de Luiz Carlos Prestes e do deputado estadual Aloisio de Oliveira, que tem presença forte na região Oeste da cidade, reduto de Brizola. "Mas a chave do sucesso é Brizola", admite Bittar.

Sozinho, Lula reiniciou ontem sua campanha da mesma forma como começou no primeiro turno. Pontualmente às 5 horas, o candidato estava na porta da Volkswagen e, megafone em punho, agradeceu aos trabalhadores pela vitória. "Vamos lavar a alma", bradou.

Foram três comícios ao todo. Dois na porta da Volks e um nos portões da fábrica Saab-S-



Sozinho, Lula voltou às portas de fábricas do ABC e é recebido pelos metalúrgicos: "Vamos lavar a alma"

Clovis Granchi Sob./AE